

A DISSEMINAÇÃO DE FAKE NEWS NO CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO E OS DISCURSOS DE “BOM” E “MAU” GOVERNO

*THE SPREAD OF FAKE NEWS IN THE BRAZILIAN
POLITICAL CONTEXT AND THE DISCOURSES OF
"GOOD" AND "BAD" GOVERNMENT*

Sonia Merith-Claras¹

Resumo: O que revelam as fake news quando estudadas quantitativamente? Neste trabalho, no objetivo de compreender as estratégias persuasivas utilizadas pelo enunciador-destinador para com o enunciatário-destinatário, abordaremos o fazer-criar pressuposto em um *corpus* de fake news desmentidas durante o mês de janeiro de 2023 pela agência de checagem Lupa. Ancorados na Semiótica Discursiva, nossa discussão priorizará os valores em jogo no *corpus* em estudo, assim como os temas e os discursos que perpassam essas fake news. Para entender o fazer-criar do enunciador-destinador, ainda, nosso estudo abordará as relações intertextuais e interdiscursivas que as notícias desmentidas estabelecem com outros textos/discursos. Por fim, nosso intuito é trazer alguns traços da imagem do ator da enunciação dos textos desmentidos. Lembrando que o sujeito da enunciação é um actante implícito logicamente pressuposto pelo enunciado, enquanto o ator da enunciação se define pela totalidade de seus discursos. (GREIMAS; COURTÉS, 2013). Os resultados deste estudo indicam que, predominantemente, o enunciador-destinador das fake news busca denegrir a imagem dos opositores do ex-presidente Jair Bolsonaro, enquanto na imanência, o discurso que ecoa é a de um bom ex-governante.

¹Sonia Merith-Claras, Doutora em Estudos da Linguagem, Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, ORCID: 0000-0001-7219-085X, e-mail soniaclame@gmail.com.

Papéis

Palavras-chave: Fake News; Contrato de Veridicção; Intertextualidade; Interdiscurso; *Éthos*.

Abstract: *What do fake news reveal when studied quantitatively? In this paper, with the aim of understanding the persuasive strategies used by the enunciator-destinator towards the enunciatee-destinatee, we will look at the making-believe presupposed in a corpus of fake news denied during the month of January 2023 by the Lupa verification agency. Anchored in Discursive Semiotics, our discussion will prioritize the values at stake in the corpus under study, as well as the themes and discourses that permeate this fake news. To understand the enunciator-destinator's make-believe, our study will also look at the intertextual and interdiscursive relationships that the denied news establishes with other texts/discourses. Finally, our aim is to show some traces of the image of the actor who enunciates the denied texts. Recalling that the subject of the enunciation is an implicit actant logically presupposed by the enunciation, while the actor of the enunciation is defined by the totality of his speeches (GREIMAS; COURTÉS, 2013). The results of this study indicate that, predominantly, the enunciator-destinator of fake news seeks to denigrate the image of the opponents of former president Jair Bolsonaro, while in immanence, the discourse that echoes is that of a good former governor.*

Keywords: Fake News; Veridiction Contract; Intertextuality; Interdiscourse; Ethos.

Introdução

O que o enunciador faz para que seu discurso pareça
verdadeiro?

Com quais critérios e procedimentos julgamos os
discursos dos outros verossímeis?
(Greimas, 2014, p. 117)

Ao tratar do contrato de veridicção, Greimas (2014, p.117) afirma que “o discurso é esse lugar frágil em que se inscrevem e se leem a verdade e falsidade, a mentira e o segredo”; modos de veridicção que dizem respeito tanto ao enunciador quanto ao enunciatário. Nesse sentido, “suas diferentes posições não se estabelecem senão na forma de um equilíbrio mais ou menos estável que provêm de um acordo implícito entre dois actantes da estrutura da comunicação”. Um acordo tácito, que o autor vai designar como *contrato de veridicção*, que não depende apenas de um, ou outro actante – enunciador/enunciatário –, mas dos dois. A verdade é, portanto, apenas um efeito de sentido obtido na organização discursiva e sua produção (da verdade) “consiste no exercício particular, um *fazer-parecer-verdadeiro*, isto é, a construção de um discurso cuja função não é o dizer-verdadeiro, mas o parecer-verdadeiro (Greimas, 2014, p. 122). Importa,

Papéis

neste prisma, conforme Greimas (2014, p. 124), “a adesão da parte do destinatário a quem se dirige, e por quem procura ser lido como verdadeiro.” O discurso precisa corresponder à sua expectativa (do destinatário). O simulacro da verdade, portanto, é uma construção “fortemente condicionada não diretamente pelo universo axiológico do destinatário, mas pela representação que dele fizer o destinador, artífice de toda manipulação e responsável pelo sucesso ou fracasso de seu discurso” (Greimas, 2014, p.124).

Os discursos mentirosos resultam, portanto, de uma construção discursiva em que o enunciador-destinador busca a adesão do enunciatário-destinatário, direcionando como ele deve interpretá-la, ler a “verdade” construída. Por sua vez, o enunciatário-destinatário, “para entender o texto, precisa descobrir as pistas e compará-las com seus conhecimentos, convicções e sentimentos” (Barros, 2022, p. 24). Considerando essa relação pressuposta entre enunciador e enunciatário, é possível traçar um perfil do ator da enunciação que dissemina fake news? Para tentar responder a esta pergunta inicial, selecionamos para estudo um *corpus* de fake news desmentidas durante o mês de janeiro de 2023 pela agência de checagem e verificação Lupa (<https://lupa.uol.com.br/>). Diferentes de outros estudos que se organizam teórica e metodologicamente sobre a compreensão das estratégias de construção dos discursos mentirosos, tais como os de Barros (2019, 2020), nosso intuito é reconstruir o fazer-criar do enunciador-destinador que está em jogo nesses discursos mentirosos. Lembrando que:

Denominar-se-á **enunciador** o destinador implícito da enunciação (ou da ‘comunicação’), distinguindo-o assim do narrador – como o ‘eu’, por exemplo – que é um actante obtido pelo procedimento de debreagem, e instalado explicitamente no discurso. Paralelamente, o **enunciatário** corresponderá ao destinatário implícito da enunciação, diferenciando-se, portanto, do narratário (por exemplo: ‘o leitor compreenderá que...’), reconhecível como tal no interior do enunciado. (Greimas; Courtés, 2013, p. 71).

A partir dos valores em jogo e do fazer-criar proposto pelo enunciador-destinador, dentro de uma totalidade de fake news desmentidas, nosso intuito é reconstruir o ator da enunciação desses discursos, quer seja, o *éthos*.

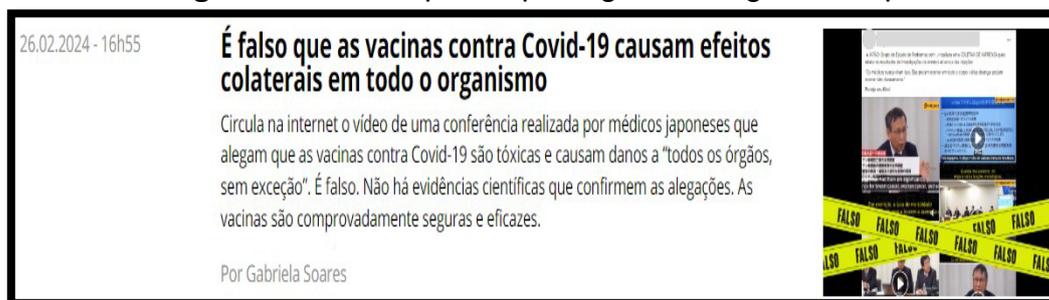
Papéis

Lembrando que, segundo Fiorin (2008, p. 143), é dentro de uma totalidade que a imagem do ator da enunciação se define: “na escolha do assunto, na construção das personagens, nos gêneros escolhidos, no nível de linguagem usado, no ritmo, na figurativização, na escolha dos temas, nas isotopias etc.”. Nesse sentido, sobre quais assuntos/percursos temáticos os discursos mentirosos em estudo se pautaram na construção de um parecer verdadeiro? Essas fake news tinham uma relação com o contexto discursivo em que estavam inseridas, ou eram discursos mentirosos sobre temas aleatórios? Começemos a discussão pelos assuntos, os percursos temáticos do *corpus* em estudo.

O contexto discursivo das fake news desmentidas

Como dissemos, o *corpus* em estudo diz respeito às fake news desmentidas em janeiro de 2023 pela agência de checagem e verificação Lupa (<https://lupa.uol.com.br/>). A Agência Lupa realiza um trabalho de checagem de informações potencialmente falsas que circulam em plataformas de redes sociais e aplicativos de mensagens no território brasileiro. No site é possível identificar: a data e horário que a notícia foi desmentida; o nome do repórter responsável pela verificação; a manchete/título com ênfase no fato desmentido; um texto/notícia com dados, informações que desmentem a fake news; e uma imagem da fake news desmentida, porém com uma tarja com a inscrição “falso”, conforme é possível observar na figura 01, trazida para exemplificar.

Figura 01 – Exemplo de postagens da Agência Lupa



Fonte: (<https://lupa.uol.com.br/>). Acesso em: 28 fev. 2024.

Por uma questão de espaço, não traremos as imagens das fake news estudadas, conforme dispostas no site da agência, apenas destacaremos o título das notícias e, por vezes, partes das informações que foram acrescentadas

Papéis

sobre o processo de verificação. Reiteramos, contudo, que elas podem ser observadas em:

<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/categoria/verifica%C3%A7%C3%A3o>.

Durante o período recortado, a agência verificou e considerou mentirosas cinquenta e uma postagens. Organizamos esses discursos mentirosos em dez diferentes assuntos/temas, conforme tabela 01.

Tabela 01 – Os temas das fake news desmentidas em janeiro/2023

Assunto/Temas	Recorrência
Grupo 01 - O presidente Lula e seu governo	35%
Grupo 02 – Eleições	6%
Grupo 03 – atentado à bomba em Brasília	4%
Grupo 04 – O Ministro Alexandre de Moraes e o STF	8%
Grupo 05 – A primeira-dama, Janja.	6%
Grupo 06 – O ex-presidente, Jair Bolsonaro	2%
Grupo 07 – Os atos golpistas	29%
Grupo 08 – Paralisação nacional	2%
Grupo 09 – A desnutrição do povo Yanomami	6%
Grupo 10 – Religião	2%

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados recortados do Lupa – disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/categoria/verifica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 28 fev. 2024.

Apesar de termos organizados as fake news com base em assuntos específicos, é possível perceber que elas se inserem numa temática maior. É como se tivéssemos uma relação entre hiperônimos e hipônimos e, no caso das fake news estudadas, o hiperônimo que agrupa praticamente todos os textos é o contexto político brasileiro. Mesmo o grupo 10, cuja fake news tem um teor religioso, há um viés político subjacente. Essa grande incidência tem relação com o contexto discursivo, ou melhor, com o contexto político que o Brasil estava passando, a considerar o processo eleitoral ocorrido em final do ano de 2022 para o cargo de presidente do Brasil, quando disputavam o presidente em exercício à época, Jair Bolsonaro, e seu adversário e eleito na ocasião, Luiz Inácio Lula da Silva. Considerando esse contexto, os assuntos mais recorrentes

Papéis

nas fake news vão ter relação com figuras públicas em evidência nesse contexto das eleições, como é o caso das fake news que tiveram o presidente Lula e seu governo como isotopia temática, 35% dos textos desmentidos, e os atos golpistas de 08 de janeiro de 2023, com 29%.

Esse mapeamento já responde à pergunta que fizemos sobre as fake news serem motivadas por fatos de um contexto específico. Sim, elas são fortemente motivadas pelos assuntos que circulam num determinado contexto social. Vale lembrar, conforme define Barros (1994, p. 05), o contexto diz respeito a “uma rede textos da cultura que dialogam de modo contratual e conflitante”. Assim, para alcançar os fatores sócio-históricos, é preciso estudar o contexto discursivo, revelado na relação de intertextualidade entre os textos. “A intertextualidade cumpre, então, o papel de tentar refazer a complexidade e as contradições dos conflitos sociais. Contesta-se o incontestável, opõem-se verdades” (Barros, 2002, p. 152).

Segundo Fiorin (1994, p. 30), a intertextualidade diz respeito a um “processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo”. Um fenômeno que diz respeito “à presença de duas vozes” no mesmo segmento textual. O diálogo com outros textos é, de acordo com Barros (2020, p. 30), uma forma de compreender as estratégias de construção dos discursos mentirosos e de desmascaramento da mentira. “O dialogismo, definidor de qualquer texto, aparece, em geral, de forma explícita nas fake news e permite determinar com que textos elas dialogam polêmica e contratualmente”.

A partir de seus estudos sobre fake news, Barros (2020) constata que a intertextualidade aparece de várias maneiras nos textos mentirosos e, por isso, pode ser utilizada como uma estratégia de estudo para desmascarar a mentira. Dentre os vários tipos de intertextualidade identificados por Barros (2020, p. 33), a intertextualidade “com o ‘mesmo’ texto, mas em outro contexto temporal e/ou espacial” é uma das formas recorrentes.

trata-se de procedimento de descontextualização do texto todo ou de parte dele, em que textos verbais e visuais são retirados de seu contexto e/ou são recontextualizados, como no caso de imagens com novas legendas ou de

Papéis

fotografias antigas, de outras ocasiões e momentos, republicadas como se tivessem sido tiradas no momento da nova publicação ou nos das descontextualizações de falas, que são interrompidas ou colocadas em outras situações, o que que lhes altera o sentido (Barros, 2020, p. 33).

No *corpus* em estudo, várias são as fake news desmentidas que estabelecem relações intertextuais semelhantes ao descrito acima, em que há um processo de “descontextualização”, seja de fatos noticiados, ou de pessoas públicas, cujas fotos são retiradas de contexto. Por exemplo, as fake news inseridas nos grupos 04 e 05, que exploram fotos de pessoas públicas como do Ministro Alexandre de Moraes e da primeira-dama Janja, um novo parecer verdadeiro é projetado com a descontextualização das imagens. Lembrando, de acordo com Greimas e Courtés (2013, p. 533), a categoria de veridicção mobiliza dois esquemas, o primeiro deles, *parecer / não parecer* - que é chamado de manifestação; e um segundo, o *ser/não ser* - que é chamado de imanência. “É entre essas duas dimensões da existência que atua o ‘jogo da verdade’: estabelecer, a partir da manifestação, a existência da imanência, é decidir sobre o ser do ser”. Passemos, portanto, a estudar o *parecer* e o *ser* desses discursos mentirosos. Com propósito de melhor destacar o tipo de intertextualidade mais evidente, separamos as notícias falsas em tópicos diferentes, conforme segue.

A intertextualidade com um fato noticiado: manifestação e imanência

Respeitando a ordem cronológica em que os fatos foram noticiados, começamos nossa discussão pelo atentado à bomba ocorrido em Brasília em dezembro de 2022. A título de muitos veículos que noticiaram o fato, a BBC NEWS Brasil, em 27 de dezembro de 2022, divulga a seguinte notícia: “Quem são os suspeitos identificados pela tentativa de explodir uma bomba em Brasília”². Ao longo da matéria, os nomes dos suspeitos Alan Diego dos Santos Rodrigues e George Washington de Oliveira Sousa são destacados, sendo este último apontado como um apoiador do ex-presidente Jair Bolsonaro. Trechos do depoimento de Souza são incorporados à matéria, evidenciando a sua ligação com os movimentos pós-eleição, em apoio ao presidente derrotado nas urnas:

² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64105977>. Acesso em: 28 fev. 2024.

Papéis

"A minha ida até Brasília tinha como propósito participar dos protestos que ocorriam em frente ao QG do Exército e aguardar o acionamento das forças armadas para pegar em armas e derrubar o comunismo".

Num período bem próximo ao fato ocorrido e noticiado, 03 e 05 de janeiro, a agência de checagem Lupa/Uol desmente duas fake news sobre uma possível relação do acusado George Washington de Oliveira Sousa com o sindicato da Petrobras e com Flávio Dino. Na primeira delas, a agência desmente: “Suspeito de plantar bomba em Brasília não integra sindicato de petroleiros”. E acrescenta, circula a informação nas redes de que “George Souza, suspeito de planejar um atentado com bombas próximas ao aeroporto de Brasília, fazia parte do ‘Sindicato da Petrobras’. É falso. A Petrobras diz que o homem não é funcionário da empresa”. Na segunda notícia desmentida é destacado: “Homem que aparece em vídeo com Flávio Dino não é ‘terrorista’ de Brasília”. De acordo com a checagem, o homem que está ao lado do ministro da Justiça e Segurança Pública comemorando o resultado das eleições de 2022, usando uma blusa verde, não é George Washington Sousa, e sim, Carlos Brandão, governador do Maranhão. Quer seja, enquanto na manifestação o fazer-criar do enunciador-destinador é atestar uma falsa crença sobre a proximidade do acusado pela justiça com o novo governo, por meio do Ministro da Justiça e Segurança pública do governo eleito e da empresa Petrobras (que é parte estatal), na imanência preserva-se a boa imagem dos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro. É, portanto, um enunciador-destinador que vai revelando um perfil protetor de um grupo específico. Contudo, ao mesmo tempo que protege esse grupo de apoiadores, o fazer-criar em jogo é denegrir os adversários políticos desse mesmo grupo.

Na sequência temporal dos fatos noticiados, passamos para o grupo 07, agora o fato que mantém uma relação intertextual com as fake news é a invasão do Planalto, Congresso e STF em 08 de janeiro de 2023. A título de exemplo acerca do material divulgado a respeito, em 08/01/2023 o G1 – Brasília publica: “Terrorismo em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram

Papéis

Planalto, Congresso e STF”³. Na matéria consta que a sede dos três poderes foi destruída, que o presidente Lula decretou a intervenção na segurança do Distrito Federal e que o Ministro Alexandre de Moraes afastou o governador do Distrito Federal por 90 dias. “Os terroristas quebraram vidraças e móveis, vandalizaram obras de arte e objetos históricos, invadiram gabinetes de autoridades, rasgaram documentos e roubaram armas.”

Sobre a invasão em Brasília, foram desmentidas 15 notícias falsas (29%) pela agência Lupa/uol. Semelhante ao que ocorre acerca do atentado à bomba, o fato não é negado pelas notícias falsas, contudo, três percursos/isotopias de leitura podem ser depreendidos sobre o viés que a invasão ganhou. No primeiro deles, as notícias falsas procuram criar uma imagem negativa da ação dos policiais durante as prisões dos invasores, alegando que pessoas teriam morrido após as prisões: “É falso que idosa morreu em ginásio após ter sido presa em atos golpistas” (10/01/2023); “É falso que mulher presa em Brasília morreu após horas sem comer e beber” (11/01/2023); “É falso que quatro pessoas presas morreram em ginásio da Polícia Federal” (12/01/2023). Essa imagem negativa da ação da polícia é reiterada, também, em fake news que se utilizam de fotos de crianças: “É antiga foto de criança deitada sobre bandeira do Brasil” (17/01/2023); “Foto de criança revistada não foi tirada no contexto da prisão de golpistas no DF” (18/01/2023). São fake News que procuram desaproveitar as prisões, ou ainda, sugerir um comportamento inadequado da polícia federal, responsável pelas prisões. Opõe-se o viés sobre as invasões, quer seja, não é a invasão e a depredação que são negativas, cujos valores são disfóricos, mas a prisão, o comportamento dos policiais que supostamente causaram mortes e não respeitaram as crianças. Na manifestação, portanto, os policiais é que estão cometendo abusos e crimes, enquanto na imanenência preserva-se a imagem dos invasores, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, como aqueles que não fizeram nada de errado.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que-bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-quais-as-consequencias.shtml>. Acesso em: 28 fev. 2024.

Papéis

Quanto ao segundo percurso de leitura, neste as ações golpistas são atribuídas a ações de infiltrados: “É falso que sobrinho do Zeca do PT se infiltrou em atos golpistas” (10/01/2023); “É falso que Raull Santiago atuou como infiltrado em atos golpistas” (10/01/2023); “Funcionário do Banco do Brasil não é o homem que teria defecado no STF” (13/01/2023); “Jovem do MST não é o homem que destruiu relógio nos ataques em Brasília” (19/01/2023); “Interventor no DF não confirmou presença de infiltrados de esquerda em atos golpistas” (24/01/2023); “Vídeo mostra presos em El Salvador, não infiltrados em atos golpistas de Brasília” (26/01/2023). Além dessas, a notícia falsa desmentida em 18/01/2023 também sugere que as ações golpistas são de responsabilidade de um infiltrado: “É falso que horário em relógio quebrado comprova ação de infiltrado”.

Novamente, na imanência, a imagem dos golpistas/apoiadores do ex-governo Bolsonaro é preservada, já que na manifestação desses discursos mentirosos toda a depredação é atribuída a ações de infiltrados, os quais, por sua vez, têm alguma forma de ligação com o novo governo eleito.

Por fim, uma terceira estratégia adotada pelo enunciador-destinador de fake news sobre as invasões é revelada. Nesses textos mentirosos, tenta-se valorizar no enunciado/manifestação as ações golpistas: “É antigo vídeo atribuído a ato golpistas de 08 de janeiro” (11/01/2023); nessa fake news a quantidade de manifestantes é aumentada: “gravação mostra uma multidão na Esplanada dos Ministérios, em Brasília (...). É falso”. Em outra notícia falsa desmentida reitera-se o apoio do presidente da Rússia ao atentado: “É falso que Vladimir Putin apoiou atos golpistas de Brasília em Vídeo” (13/01/2023). Segundo a agência, “gravação feita em outubro de 2022 mostra o presidente da Rússia falando sobre a explosão na ponte da Crimeia – e não sobre atos golpistas. Governo russo já se posicionou contra as ações (...)”. Agrupamos neste percurso a notícia falsa que afirma ter sido levada a versão original da Constituição: “Radicais não levaram livro original da Constituição de 1988, mas réplica (09/01/2023)”. Essa estratégia de valorizar a invasão, tanto na manifestação quanto na imanência, é pouco explorada pelo enunciador-destinador, a contar pelo quantitativo de fake news desmentidas com essa isotopia temática. Nesse

Papéis

sentido, o enunciador-destinador até tenta disseminar esse discurso de valorizar os atos, mas recua, seguindo na linha mais recorrente que é a vinculação de ações que são desaprovadas socialmente a outros responsáveis, ou melhor, aos adversários políticos do ex-presidente.

É possível reconhecer, então, considerando o grupo de fake news sobre o atentado à bomba e o grupo de textos mentirosos sobre a invasão do 08 de janeiro, traços semelhantes sobre o *éthos* do enunciador-destinador dos textos mentirosos. Há uma mesma isotopia temática que perpassa o fazer-criar desses textos, que é proteger, preservar a imagem dos apoiadores do ex-presidente, desvinculando-os de ações desaprovadas no contexto social brasileiro. Nos dois casos, ainda, é recorrente a estratégia do enunciador-destinador de atribuir a outros atores do enunciado - apoiadores do governo eleito, a polícia federal - a responsabilidade por esses comportamentos e ações desaprovadas, ou mesmo, criminosas.

Depois dos atos golpistas, outro fato bastante noticiado na imprensa brasileira foi a desnutrição do povo Yanomami. Na matéria intitulada “Ministério da Saúde decreta emergência de saúde pública para combater desassistência de indígenas Yanomami”⁴, publicada em 20 de janeiro de 2023 pelo G1, a crise humanitária do povo Yanomami ganha destaque. A notícia enfatiza que o Ministério da Saúde declarou emergência de saúde pública no que diz respeito a enfrentar a “desassistência sanitária das populações em território yanomami”. Para tanto, o novo governo, que tomou posse em janeiro de 2023, decretou a criação de um comitê de Coordenação Nacional para discutir e “adotar medidas em articulação entre os poderes para prestar atendimento a essa população”.

As três fake news desmentidas pelo site Lupa (6%), publicadas na sequência do fato noticiado, grupo 09, se apoiaram em dois percursos de leitura. O primeiro tenta criar a falsa crença do leitor de que os indígenas desnutridos não são do território brasileiro, e sim, da Venezuela: “É falso que indígenas em estado de desnutrição em Roraima são venezuelanos” (23/01/2023); “Fotos de

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/01/20/ministerio-da-saude-decreta-emergencia-de-saude-publica-para-combater-desassistencia-de-indigenas-yanomami.ghtml>. Acesso em: 28 fev. 2024.

Papéis

indígenas desnutridos foi registrada no Brasil, não na Venezuela” (24/01/2023). No segundo percurso de leitura adotado, a entidade que denunciou a crise dos Yanomami é desacreditada: “É falso que entidade que denunciou desnutrição de yanomamis desviou R\$ 33 milhões” (27/01/2023).

Nesses textos mentirosos, o enunciador-destinador não tenta proteger os apoiadores do ex-presidente, mas sim, o próprio ex-presidente e seu governo. Era o ex-presidente Bolsonaro que estava à frente do governo quando a crise humanitária entre os indígenas se instalou, logo, ele seria de alguma maneira o responsável. Assim, enquanto projeta na manifestação possíveis novos culpados e responsáveis pela situação, desaprovada no contexto social brasileiro, na imanência o objetivo é resguardar a imagem do ex-presidente para um enunciatário-destinatário que crê, apaixonadamente, em termos semióticos, nessa imagem inabalada de um bom governo do ex-presidente. Em suma, no parecer da manifestação/enunciado, a desnutrição dos Yanomamis é uma mentira no cenário brasileiro – parece, mas não é.

Como pudemos verificar até então, os três grupos de notícias falsas, trazidos para discussão, estabelecem diálogo com fatos ocorridos e noticiados no cenário brasileiro: o ataque à bomba em Brasília, a invasão ao Planalto, Congresso e STF e a crise do povo Yanomami. “Trata-se, em geral, de procedimento de intertextualidade mostrada e que pode ser reestabelecida a partir do próprio texto em exame.” (BARROS, 2020, p. 30).

Essa intertextualidade entre as fake news desmentidas e fatos ocorridos no cenário brasileiro se confirma em outros grupos de textos desmentidos, como no caso das notícias falsas do grupo 02, nas quais se alega que houve fraude ou nulidade das eleições ocorridas em novembro de 2022: “É falso que portaria confirma que Augusto Heleno é o presidente do Brasil” (03/01/2023); “É falso que Lula confessou na posse que nunca ganharia eleição” (04/01/2023); “É falso que Carmen Lúcia disse que Lula não ganhou as eleições” 23/01/2023). Situação semelhante ocorre com os textos do grupo 08, em que a fake news sugere uma paralisação após eleição presidencial: “Vídeo de Leo Chave em apoio à paralisação de caminhoneiros é de 2018, não de 2023” (11/01/2023).

Papéis

Passemos a seguir ao segundo tipo de intertextualidade presente nas fake news, agora com pessoas públicas.

A intertextualidade com pessoas públicas

Diferente da intertextualidade com fatos e eventos, outras fake news precisam ser lidas considerando a sua relação com pessoas públicas. Ao situar e identificar as pessoas públicas, as fake news podem ser lidas considerando o contexto discursivo do qual fazem parte e, desta forma, o ser pressuposto na imanência pode ser recuperado nos discursos mentirosos.

Três grupos de fake news têm como referência pessoas públicas, suas ações e comportamentos. No primeiro deles, grupo 04, as notícias falsas citam os Ministros do Supremo Tribunal Federal: “É falso que Alexandre de Moraes tirou foto com líderes do PCC” (05/01/2023); “É falso que Alexandre de Moraes determinou desligamento da internet no país” (08/01/2023); “É falso que STF autorizou monitoramento de todas as mensagens do WhatsApp” (10/01/2023); “É falso que furto de celular deixará de ser crime por decisão do STF” (23/01/2023). No segundo, grupo 05, a primeira-dama Janja é o alvo das fake news desmentidas: “Mulher de vestido em foto na cozinha não é Janja” (06/01/2023); “Mulher de lingerie defendendo prostituição em foto não é Janja” (26/01/2023); “Homem ao lado de Janja em foto não é traficante internacional preso no Rio” (26/01/2023). Por último, no grupo 01, as fake news têm como foco denegrir a imagem do presidente eleito e de seu governo. Em termos quantitativos, esse é o maior grupo, com 18 textos desmentidos durante o mês de janeiro, razão pela qual passamos a discutir o fazer-criar do enunciador-destinador recuperado na imanência desses textos.

Antes disso, porém, lançamos a indagação: é possível recuperarmos um traço comum do enunciador-destinador entre todos os grupos de fake news trazidos neste estudo? Voltaremos a esta discussão no final deste tópico, depois de apresentarmos as fake news que estabelecem intertextualidades com o presidente eleito e com membros de seu governo.

O fazer-criar em jogo nos textos do grupo 01 diz respeito a um “mau governo” eleito, imagem que se confirma na manifestação dos textos mentirosos

Papéis

de diferentes maneiras, quer seja: a) na taxa que passou a ser cobrada para as transferências via Pix (termo criado para nomear a modalidade de pagamento instantâneo desenvolvida pelo Banco Central): “É falso que governo Lula criou taxas para transferências via Pix” (05/01/2023); b) na redução do tempo de validade da Carteira Nacional de Habilitação – CNH: “É falso que CNH voltou a ter quatro anos de validade” (06/01/2023); c) na suposta extinção do seguro-desemprego: “É falso que governo Lula extinguiu o seguro-desemprego” (19/01/2023); d) na suspensão do bolsa-família: “É falso que Simone Tebet anunciou corte do Bolsa Família por 60 dias” (26/01/2023). Seguem nessa perspectiva, notícias falsas que versam sobre: e) um valor distorcido sobre orçamento da agricultura, em detrimento de um quantitativo maior destinado ao ministério da cultura: “É falso que o orçamento do Ministério da Agricultura será de R\$ 1,5 bilhão em 2023” (05/01/2023); f) a retomada de um projeto denominado “bolsa travesti”: “Haddad não anunciou lançamento de ‘Bolsa Travesti’ no valor de R\$ 1,8 mil” (25/01/2023); g) o aumento do auxílio reclusão: “É falso que governo Lula aumentou auxílio-reclusão para R\$ 1.754” (16/01/2023); h) o convite feito a uma condenada da justiça, Suzane Von Richthofen, para compor o Ministério dos Direitos Humanos: “Suzane Von Richthofen não foi convidada para integrar Ministério dos Direitos Humanos” (16/01/2023); i) a ampliação do tempo do mandato presidencial: “É falso que Lula apresentou PL que amplia tempo de mandato presidencial para 36 anos” (16/01/2023); j) a alteração da lei sobre diferentes profissões: “Projeto de lei que dispensa diploma para diversas profissões não foi aprovado” (16/01/2023). E, ainda, um “mau governo” porque: k) deu a ordem para desligar as bombas da transposição do rio São Francisco: “Governo Lula não ordenou desligamento de bombas da transposição do rio São Francisco” (20/01/2023); “É falso que Lula ordenou obstrução de barragens do rio São Francisco” (25/01/2023); l) iluminou o Congresso com a cor vermelha: “É falso que Palácio foi iluminado de vermelho após posse de Lula” (04/01/2023); e que m) teve poucas pessoas na sua posse: “Fotos de horas antes da posse alimentam desinformação sobre multidão” (01/01/2023). E, por fim, n) um “mau governo” porque a Guarda Nacional ficará com todos os veículos blindados do Exército: “G1 não publicou que Guarda Nacional ficará com todos os veículos e blindados do Exército” (20/01/2023).

Papéis

Importa para o enunciador-destinador desses textos, portanto, reforçar no parecer crenças negativas acerca do novo governo, isto é, do presidente eleito e de sua equipe. Ao denegrir o novo governo na manifestação dos discursos mentirosos, na imanência/ser produz-se o discurso contrário, quer seja, preserva-se a imagem de um “bom governo” do ex-presidente.

No caso desses três últimos grupos, além do fazer-criar projetado na manifestação, ao atacar mais diretamente pessoas públicas, o enunciador-destinador alimenta as paixões do ódio do enunciatário-destinatário. Esse ódio é reforçado em: “É falso que Lula roubou crucifixo do Palácio do Planalto” (13/01/2023); “É montagem foto de Lula com estátua de Baphomet” (27/01/2023); “Mulher que faz críticas ao governo Lula em vídeo não é Marília Gabriela” (31/01/2023). A paixão do ódio, alimentado em muitas dessas fake news, principalmente nas desmentidas no grupo 01, é uma discussão que fizemos mais detalhadamente em Merith-Claras (2024, no prelo).

Voltando à questão que fizemos anteriormente, se há traços comuns entre os enunciadores-destinadores de todas as fake news discutidas, podemos dizer que sim. Apesar de ter mudado o tipo de intertextualidade presente nas fake news, na manifestação dos textos mentirosos o fazer-criar do enunciador-destinador se assemelha: construir uma imagem negativa do presidente Lula e de seu governo. Se insere nesse mesmo viés as fake news que denigrem a primeira-dama, haja vista que é a esposa do presidente eleito.

Nas fake news, o destinatador nega a falsidade que não parece e coloca como seu contraditório a mentira que parece verdadeira e, a partir daí, por implicação, estabelece a verdade, operando uma segunda passagem, em que o parecer, positivo tanto na mentira quanto na verdade, seleciona o ser da verdade, em lugar do não-ser da mentira (Barros, 2022, p. 30).

Considerações finais: as fake news e o interdiscurso

Segundo Fiorin (1994, p. 32), “a interdiscursividade é o processo em que se incorporam percursos temáticos e/ou figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outro”. Uma das formas de processos interdiscursivos é a citação, sendo que, neste caso, um discurso repete as ideias, os percursos temáticos

Papéis

e/ou percursos figurativos de outros discursos. No material estudado, o discurso/a ideia que se repete é de um “mau governo” eleito e, para referendar esse interdiscurso que perpassa as fake news, outros discursos vão sendo reafirmados: que o novo governo tem apoiadores criminosos; que o novo presidente se relaciona com governantes de caráter duvidoso; que o presidente eleito é ladrão; que os ministros do novo governo favorecem classes corruptas e prejudicam a população; que a primeira-dama não tem boa índole; que os ministros do Supremo Tribunal Federal atacam, prejudicam os brasileiros, dentre outras possibilidades, se analisadas as fake news mais detalhadamente. Contudo, conforme destaca Fiorin (1994, p. 33) “o discurso constrói-se sobre o princípio da antítese e é, portanto, atravessado pela exclusão de outro. As mesmas palavras podem estar presentes nos dois, mas, com as mesmas palavras, eles não falam das mesmas coisas”. No caso das fake news estudadas, o discurso de um “mau governo” eleito está em oposição generalizada a outro discurso, de um “bom governo” do ex-presidente, de um “cidadão de bem”. Esse interdiscurso de um “bom governo”, portanto: não tem como apoiadores os “maus cidadãos” que se envolveram em atentado à bomba; não tem como apoiadores os invasores do planalto, Congresso e Supremo; não se comporta como a polícia federal, que comete abusos e crimes; não é um governo que deixa os indígenas desamparados em termos de políticas públicas; também não é um governo que promove ações que interferem na vida orçamentária e financeira da população, como as cobranças das taxas de Pix, por exemplo.

Considerando o percurso adotado pelo enunciador-destinador, não lhe interessa produzir um discurso, na manifestação, que ressalte valores positivos acerca do ex-presidente Bolsonaro e de seu governo. A estratégia é outra, criticar e denegrir os opositores e, assim, de forma implicativa, restabelecer valores positivos da imanência, do ser, que é proteger uma imagem positiva do ex-presidente Bolsonaro e de seu governo. Vale ressaltar que apenas uma vez, no grupo 06, a imagem positiva do ex-presidente Bolsonaro é projetada tanto na manifestação quanto na imanência: “Vídeo com discurso de Bolsonaro é antigo e foi feito na Assembleia da ONU” (06/01/2023). Nessa fake news desmentida,

Papéis

o enunciador-destinador procura reforçar uma imagem positiva do ex-presidente a partir de um discurso retirado de contexto. Quer seja, exaltar a imagem positiva não é algo do perfil do enunciador em questão.

Vale reforçar, por fim, que a estratégia dos discursos mentirosos se alinha às “crenças e emoções do destinatário, por isso os discursos mentirosos são mais facilmente entendidos como verdadeiros e o acontecimento extraordinário vira exercício” (Barros, 2022, p. 31). O simulacro da verdade, conforme Greimas (2014, p.124), é uma construção “fortemente condicionada não diretamente pelo universo axiológico do destinatário, mas pela representação que dele fizer o destinador, artífice de toda manipulação e responsável pelo sucesso ou fracasso de seu discurso”. O enunciador-destinador busca,

com essas operações e os procedimentos usados para efetuar-las, fazer a passagem de um discurso concessivo (o da mentira) a um discurso implicativo (o da verdade), obtendo, assim, a adesão do destinatário a seus valores, tornando-os, pouco a pouco, valores esperados pelo destinatário e parte de seu quadro de crenças (Barros, 2022, p. 30-31).

Voltando às nossas perguntas iniciais, é possível pensarmos num perfil de enunciador, um *éthos* para esse grupo de fake news? Conforme pudemos comprovar ao longo das discussões que envolveram as fake news desmentidas, o enunciador-destinador das fake news tem traços similares, atua prioritariamente na manifestação, no parecer verdadeiro e adota como principal estratégia argumentativa o ataque ao outro, o que nos leva a reconhecer um *éthos* agressivo, ou ainda, um *éthos* leviano, não apenas porque mente e induz o seu enunciatário-destinatário a crer em fatos e situações que não são verdadeiras, mas porque nunca assume a responsabilidade por erros e possíveis falhas, isso dentro do contexto político brasileiro. Nesse sentido, os resultados desse estudo se alinham ao que Barros (2022, p. 43) concluiu: “A extrema direita emprega nas redes sociais, com mais frequência, os discursos baseados na mentira e operados pela aparência”.

Outras conclusões merecem destaque: - as fake news estão fortemente ligadas ao seu contexto discursivo e, por isso, os textos (mentirosos) precisam ser lidos considerando a sua relação com outros textos, (fatos e assuntos dos

Papéis

quais fazem parte), caso contrário, o ser pressuposto na imanência talvez não seja recuperado; - alguns assuntos/temas ganham maior destaque que outros nos discursos mentirosos, e isso tem relação com os fatos e assuntos que elas envolvem. Quanto mais polêmicos e em evidência na sociedade for o tema, mais chance tem de render notícias falsas; - as fake news podem ser ressignificadas em um novo contexto discursivo, como é o caso da fake news do grupo 10, que versa sobre religião: “É falso que projeto de lei criminaliza a propagação do evangelho no RJ” (23/01/2023). Essa notícia falsa já havia sido desmentida e voltou a circular, sendo ressignificada num novo contexto, a contar pelos dizeres que acompanham a imagem que está no vídeo: “Créditos: CRENTES DO ‘L’”.

Em suma, os dados quantitativos sobre as fake news evidenciam o fazer-crer do enunciador-destinador e, dessa forma, revelam, ou ainda, desmascaram a origem do grupo político (extrema-direita) que persuade a população pela mentira, promovendo o medo e o ódio dos cidadãos da sociedade brasileira.

Referências

BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, polifonia e enunciação. *In*: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Orgs.) **Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin**. Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 01-09.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. **Estudos Semióticos**. vol. 15, n. 2. Dossiê temático “Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino”. Editoras convidadas: Diana Luz Pessoa de Barros, Lucia Teixeira e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2019. p. 1-14. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em: 20 jun. 2023.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. As fake news e as anomalias. *Verbum*. **Cadernos de pós-graduação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 26-41, 2020. Disponível

Papéis

em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50523/pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contrato de veridicção: operações e percursos. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 23-45, ago. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. *In*: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Orgs.) **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 29-38.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II**. São Paulo: Nankin/ EDUSP, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2013.

MERITH-CLARAS, Sonia. Os desafios da escola na formação de leitores: algumas reflexões sobre a leitura de fake news. *In*: SILVA, Luiza Helena Oliveira da; MIQUELETTI, Eliane Aparecida (Orgs.) **Semiótica e Ensino**: diálogos teóricos e práticos para/com a escola. [livro eletrônico]. São Paulo: Editora Dialética, 2024 Araguaína, TO: Universidade Federal do Norte do Tocantins - EDUFNT, 2024. p. 327-348. **No prelo**.

Sites Pesquisados:

<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/categoria/verifica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 28/02/2024.

Recebido em: 10-02-2024

Aprovado em: 30-03-2024